



O CARÁTER DIALETAL NA VARIAÇÃO DO PREENCHIMENTO DA POSIÇÃO DETERMINANTE ANTES DE POSSESSIVOS PRÉ-NOMINAIS

Manoel Siqueira (PPGL/UFS)¹
manoel.siqueira77@hotmail.com

RESUMO: No português brasileiro, os pronomes possessivos pré-nominais podem vir introduzidos por elementos determinantes, como em *ontem eu vi a sua mãe*, em que o determinante *a* introduz o possessivo pré-nominal *sua*, como também podem vir com essa posição vazia, como em *ontem eu vi Ø sua mãe*, em que não há nenhum elemento introduzindo o possessivo pré-nominal. Essa variação têm caráter dialetal: falantes do Norte e Nordeste tendem a não preencher mais do que aqueles do Sul e Sudeste (CALLOU; SILVA, 1997; LUCCHESI, 1993; GUEDES, 2019). No entanto, pela falta de uma agenda de trabalho unificada na sociolinguística brasileira (FREITAG, 2016), os estudos desenvolvidos não necessariamente compartilham os mesmos parâmetros metodológicos, dificultando a comparabilidade e a generalização (FREITAG; ROST-SNICHELOTTO, 2015). Neste trabalho, apresentamos uma revisão sistemática integrativa quanto à variação no preenchimento da posição determinante antes de possessivos pré-nominais, evidenciando o caráter dialetal, com trabalhos desenvolvidos em diferentes regiões do Brasil. A revisão sistemática evidencia o caráter dialetal da variação neste contexto, em que os falantes do Nordeste não preenchem mais do que aqueles ao Sul e Sudeste, abrindo espaço para a discussão da estabilidade gramatical do português brasileiro quanto ao comportamento do não preenchimento da posição determinante antes de possessivos pré-nominais.

PALAVRAS-CHAVE: Determinantes; Artigos; Possessivos; Caráter Dialetal; Revisão

ABSTRACT: In the Brazilian Portuguese, the pre-nominals possessives can be introduced by determinants elements, as in *ontem eu vi a sua mãe*, in which the determinant *a* introduce the pre-nominal possessive *sua*, and they can also come with this empty position, as in *ontem eu vi Ø sua mãe*, where there is no element introducing the pre-nominal possessive. This variation has a dialectal character: North and Northeast speakers tend not to fill more than those in the South and Southeast (CALLOU; SILVA, 1997; LUCCHESI, 1993; GUEDES, 2019). However, due to the lack of a unified work agenda in Brazilian sociolinguistics (FREITAG, 2016), the studies developed do not necessarily share the same methodological parameters, making comparability and generalization difficult (FREITAG; ROST-SNICHELOTTO, 2015). In this work, we present a systematic integrative review about the variation in filling the determinant position before pre-nominal possessives, showing the dialectal character, with works developed in different regions of Brazil. The systematic review presents the dialectal nature of variation in this context, in which speakers from the Northeast do not fill more than those in the South and Southeast, opening space for the discussion of the grammatical stability of Brazilian Portuguese as to the behavior of not filling the determinant position before of pre-nominal possessives.

KEYWORDS: Determinants; Articles; Possessives; Dialectal Character; Review

¹ Mestrando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). manoel.siqueira77@hotmail.com

1 Introdução

As palavras presentes no português brasileiro usadas para nomear as coisas do mundo – os nomes da língua – podem vir introduzidas por um limitado grupo de palavras, como os artigos definidos (a, o, as, os) e o demonstrativos (esse, aquele, este etc.), conforme vemos em (1).

- 1) A menina estava andando com essa camiseta

No exemplo (1), o nome *menina* vem antecedido pelo artigo *a*, enquanto o nome *camiseta* vem antecedido pelo demonstrativo *essa*. Para esse grupo de palavras, atribui-se o nome de determinantes (LONGOBARDI, 2001). Do ponto de vista sintático, os determinantes sempre se localizam à esquerda dos nomes que os procedem, como no exemplo acima. Eles ocupam/preenchem a posição determinante da sentença.

Do ponto de vista semântico, os determinantes agem com função de determinação, ou seja, limitam a extensão dos nomes que os procedem a valores específicos do mundo (MATEUS *et al.*, 2003). O uso do determinante *a* antes de *menina* e o uso de *essa* antes de *camiseta* limitam a extensão desses nomes para nomes específicos no mundo, ou seja, tanto *menina* quanto *camiseta* tornam-se elementos únicos na consciência do falante/ouvinte. O não preenchimento da posição determinante nos contextos referidos no exemplo acima alteraria o valor semântico desses nomes. Os nomes *menina* e *camiseta* receberiam interpretação genérica, ou seja, elementos não-específicos, não individuais no mundo e no repertório do falante/ouvinte: *menina* seria aplicado para qualquer pessoa que se enquadre como menina, e *camiseta* seria aplicado para qualquer roupa que se enquadre como camiseta.

Um contexto em que não há alteração semântica é o contexto em que o determinante precede pronomes possessivos que antecedem nomes, ou pré-nominais, conforme (2).

- 2) a. O seu cachorro me mordeu
b. Seu cachorro me mordeu

Em (2a), o determinante *o* está antecedendo o pronome possessivo pré-nominal *seu*, ocorrendo o preenchimento da posição determinante. Em (2b), essa posição encontra-se vazia, não preenchida, visto que o possessivo *seu* não vem com nenhum elemento localizado a sua esquerda. Esses exemplos demonstram que o português brasileiro apresenta variação no preenchimento da posição determinante antes de possessivos pré-nominais (cf. SILVA, 1982; 1998a; 1998b; CALLOU; SILVA, 1997; CAMPOS JR., 2011; GUEDES, 2019; PEREIRA, 2017; SEDRINS *et al.*, 2019; SIQUEIRA, no prelo).

Do ponto de vista externo à língua, esta variação apresenta caráter dialetal, ou seja, comunidades geograficamente diferentes apresentam padrões linguísticos diferentes quanto às formas linguísticas, com falantes do Nordeste fazendo o não preenchimento mais do que aqueles do Sul e Sudeste (LUCCHESI, 1993; CALLOU; SILVA, 1997; GUEDES, 2019). Callou e Silva (1997), em um estudo contrastivo entre capitais brasileiras do projeto Norma Urbana Culta (NURC), sugerem que os falantes das regiões Sul e Sudeste – Porto Alegre (21%), São Paulo (30%), Rio de Janeiro (30%) – não preenchem menos do que aqueles da região Nordeste – Recife (40%) e Salvador (34%).

Tendo caráter dialetal, a variação no preenchimento da posição determinante no contexto de possessivos pré-nominais enquadra-se como uma das regras linguísticas que definem o comportamento linguístico de determinadas comunidades (LABOV, 1994), que caracteriza como aquela comunidade, geograficamente localizada, faz uso da língua.

No entanto, pela falta de uma agenda de trabalho unificada na sociolinguística brasileira (FREITAG, 2016), os estudos desenvolvidos não necessariamente compartilham os mesmos parâmetros metodológicos, dificultando a comparabilidade e a



generalização (FREITAG; ROST-SNICHELOTTO, 2015). Havendo essa diferenciação metodológica, os resultados podem ser condicionados tanto pela metodologia da pesquisa quanto por fatores internos e externos à língua. Uma revisão sistemática interativa estabelecendo comparações ajuda-nos a ter uma visão panorâmica do comportamento do fenômeno, e permite-nos visualizar direcionais de mudança, de condicionamento ou mesmo vieses metodológicos.

Neste trabalho, realizamos uma revisão sistemática integrativa de pesquisas desenvolvidas sobre o português brasileiro quanto à variação no preenchimento da posição determinante antes de possessivos pré-nominais de modo a estabelecer uma análise da distribuição do fenômeno, observando padrões dialetais e gramaticais. Consideramos como *default* para nossa pesquisa o não preenchimento da posição determinante, baseados no estudo por nós desenvolvido com o português universitário de Sergipe em que prevalece o não preenchimento (SIQUEIRA, no prelo).

2. Determinantes em português

No português brasileiro, os nomes podem vir anteceditos por um limitado grupo de palavras, como os artigos definidos e os demonstrativos. Embora caracterizado como grupo limitado, não há, em certo grau, um consenso em relação a quais grupos de palavras compõem os determinantes.

Bechara (2015), por exemplo, divide os determinantes em três tipos: i) determinantes, representados pelos adjetivos, artigos e pronomes demonstrativos, como em (3), (4), e (5); ii) pré-determinantes, localizados à esquerda do determinante, representados pelos quantificadores, como em (6); e iii) pós-determinantes, que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, inclusos os possessivos e numerais, como em (7) e (8).

- 3) *Belas* meninas andam nas nuvens;

- 4) *O* cachorro roubou a carne;
- 5) *Aquele* dia foi extremamente memorável;
- 6) *Todos* os alunos reprovaram;
- 7) *As minhas* coisas sumiram;
- 8) *Aqueles dois* meninos roubaram meu caderno.

Nessa linha, os determinantes precedem o nome ao qual eles se referem, como em (3), (4) e (5), na qual *belas*, *o* e *aquele* estão antecedendo os N presentes nesse sintagma. Os pré-determinantes, por sua vez, localizados à esquerda de D, precedem-no, ocorrendo dois tipos de determinantes, como em (6), em que o pré-determinante *todos* está antecedendo um outro determinante, *os*. Os pós-determinantes, por estarem à direita de D e de pré-determinante, seguem tais elementos, como em (7) e (8), em que *minhas* segue o determinante *as*, e *dois* segue o determinante *aqueles*.

Mateus *et al.* (1983) consideram os determinantes como pertencentes a uma categoria maior, a de especificadores de N, inclusos os artigos, demonstrativos, possessivos, adjetivos e quantificadores. Porém, ainda são feitas subdivisões em relação a esses especificadores. Para as autoras, funcionam como determinantes apenas os artigos, demonstrativos e possessivos (9), (10) e (11), enquanto os adjetivos e quantificadores não funcionam como D, e sim como diferentes categorias de Esp: mesmo sendo “elementos que se encontram à esquerda do núcleo e não funcionam como complemento” (p. 255-256), a sua funcionalidade não é a de determinar nome (N), e sim gerar especificações nesses N, como a de quantificar e a de caracterizar.

- 9) *A* galinha entrou no poleiro
- 10) *Aquele* homem não é seu pai?
- 11) *Meu* avô me deu uma bicicleta

Perini (2005), por sua vez, considera como determinantes apenas os artigos definidos, os artigos indefinidos e os demonstrativos. Similar a Bechara (2015), o autor faz essa divisão seguindo a posição que esses elementos ocupam na sentença: sempre a primeira posição, localizados à esquerda do nome. O autor adiciona os possessivos a uma categoria própria, a de Poss, por ocuparem um lugar diferente na sentença, podendo vir anteceditos dos determinantes, e antes de nomes.

Os critérios utilizados para a classificação dos grupos de palavras como determinantes levam em consideração tanto seus aspectos sintáticos (BECHARA, 2015; PERINI, 2005) quanto seus aspectos semânticos (MATEUS *et al.*, 1983). Se considerarmos a posição sintática dessas palavras, são os artigos e os demonstrativos que se enquadram como determinantes, visto que ocupam sempre à esquerda do nome e a primeira posição na sentença. Considerando os aspectos semânticos, tanto os artigos e os demonstrativos são determinante, quanto os possessivos também o são, já que as três classes agem com função de especificação, delimitando os nomes a valores específicos do mundo.

Como aqui focamos na variação do preenchimento da posição determinante antecedito possessivos pré-nominais, nomeamos como determinante neste trabalho apenas os artigos definidos (a, o, as, os), visto que, nesse sentido, a variação no preenchimento da posição antes de possessivos pré-nominais por demonstrativo, como no exemplo abaixo, alteraria o sentido da frase, na medida em que o preenchimento por artigo não, conforme exemplos da introdução.

- 12) a. Esse seu caderno é bonito
- b. Seu caderno é bonito

Em (12a), o uso do demonstrativo *esse* age tanto como determinante quanto como um dêitico, ou seja, aponta para um objeto específico, o *caderno*, esse que está com o ouvinte. O não preenchimento por demonstrativo, em (12b), não traz essa visão

dêitica, ainda que o possessivo por si só determine o nome *caderno* como um objeto específico. Com isso, passemos para a metodologia da revisão, para, em seguida, apresentarmos a revisão dos trabalhos sobre o preenchimento da posição D por artigo antes de possessivos pré-nominais.

3. Metodologia

Para o desenvolvimento desta revisão sistemática integrativa, precisamos estabelecer critérios para a seleção dos trabalhos que revisaremos. Buscamos, a princípio, os trabalhos seminais, os primeiros desenvolvidos sobre a variação no preenchimento da posição determinantes antes de possessivos pré-nominais. Para tanto, recorreremos ao Google Acadêmico e ao Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Essa pesquisa nos revelou a tese de Silva (1982) e seus desdobramentos, em Callou e Silva (1997) e Silva (1998a; 1998b)².

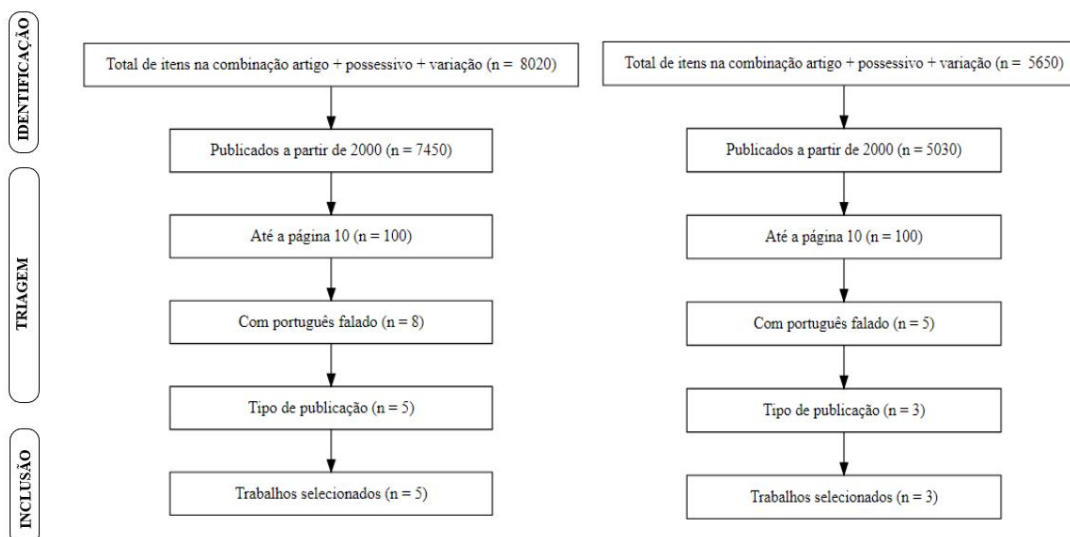
Após a seleção dos trabalhos seminais, buscamos trabalhos desenvolvidos sobre o fenômeno em outras regiões. Recorrendo novamente ao Google Acadêmico, aplicamos o seguintes critérios:

- i) combinação dos termos *artigo definido* + *possessivo* + *variação e determinantes* + *possessivos* + *variação* para a pesquisa
- ii) trabalhos publicados a partir do ano 2000 sobre o fenômeno
- iii) até a página 10 da plataforma, por considerarmos que após essa página os resultados não seriam sobre os termos pesquisados.
- iv) apenas trabalhos com o português falado, com dados orais contemporâneos
- v) publicados em periódicos com classificação mínima de B5 e dissertações.

Sistematizamos os achados nos esquemas abaixo:

² Esses trabalhos encontram-se disponíveis exclusivamente em forma impressa, o que dificultou o acesso.

Imagem 1: Esquema de busca com os termos artigo + possessivo + variação e determinante + possessivo + variação



Fonte: elaborado pelo autor

As pesquisas apresentaram resultados similares. Todos que apareceram na segunda combinação também apareceram na primeira. A primeira combinação resultou em mais trabalhos. Os resultados são para os trabalhos de Campos Jr. (2011), Guedes (2019), Nazário (2007), Pereira (2017) e Sedrins *et al.* (2019). Com isso, juntando aos trabalhos seminais, tínhamos um total de 9 pesquisas linguísticas para descrever o comportamento variável no preenchimento da posição determinante antes de possessivos pré-nominais. Todavia, não conseguimos acesso à pesquisa de Nazário (2007), o que reduziu nossos números.

Como escolha nossa, e buscando apresentar uma melhor revisão e distribuição do fenômeno, inserimos também a pesquisa desenvolvida em nosso grupo de pesquisa, o *Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade* (GELINS), que, no presente momento, encontra-se em processo de editoração (SIQUEIRA, no prelo). Com isso, retornamos ao total de 9 pesquisas sobre a temática.



Embora o foco sejam os padrões dialetais, os trabalhos selecionados não abarcam todas as regiões do país. Nos trabalhos que já havíamos selecionado, as descrições eram do Nordeste (CALLOU; SILVA, 1997), Sudeste (SILVA, 1982; 1998a; 1998b) e Sul (CALLOU; SILVA, 1997). Na busca no Google Acadêmico, encontramos os seguintes trabalhos: no Nordeste, Pereira (2017), Sedrins *et al* (2019), Guedes (2019), além de Siqueira (no prelo); no Sudeste, Campos Jr. (2011).

Não encontramos nenhum outro trabalho no Sul além do de Callou e Silva (1997). No Centro-oeste, encontramos o de Nazário (2007) que, como falamos, não conseguimos acesso. No Norte, nenhum trabalho foi encontrado na plataforma selecionada.

4. A variação no preenchimento de D no Português

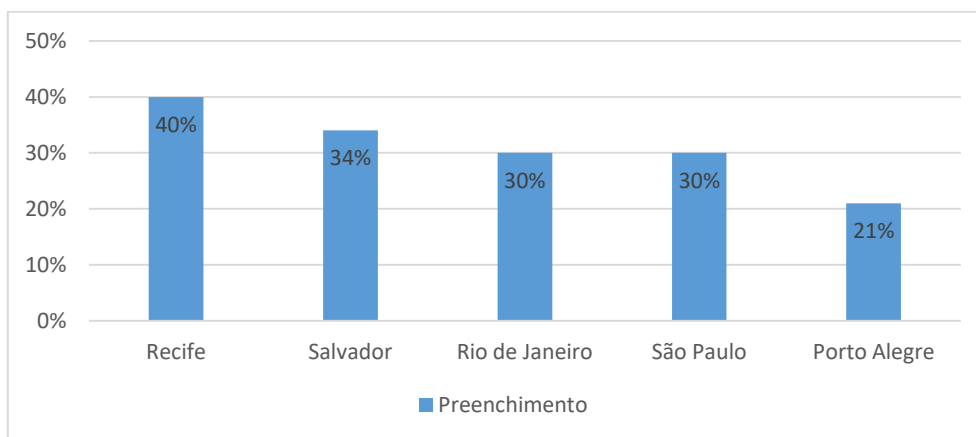
Pesquisas desenvolvidas sobre a variação no preenchimento da posição determinante antes de possessivos pré-nominais têm sugerido que essa variação possui caráter dialetal, ou seja, diferentes comunidades geograficamente localizadas apresentam padrões de preenchimento diferentes. Para Lucchesi (1993, p. 91, tradução nossa³), “em Portugal e no Sul do Brasil, o artigo definido e o possessivo co-ocorrem normalmente, enquanto no Norte e Nordeste do Brasil o artigo é normalmente ausente”. Com isso, enquanto no Sul do Brasil há o preenchimento da posição determinante, no português falado no Norte e Nordeste haveria o não preenchimento. Nessa seção, primeiro apresentamos as pesquisas, para após apresentarmos os resultados seguindo da discussão.

Callou e Silva (1997) observam, com dados de fala de cinco capitais brasileiras por meio do *corpus* do Projeto Norma Urbana Culta (NURC), que os números para o não preenchimento são maiores nas cidades do Nordeste – Recife 40% (39/98) e Salvador 34% (30/87). As cidades do Sul e Sudeste apresentaram os menores

³ “in Portugal and the south of Brazil, the definite article and the possessive normally co-occur, whereas in northern and northeast Brazil the article is normally absent (LUCCHESI, p. 1993, p. 91)”.

percentuais para o não preenchimento – Porto Alegre 21% (7/33 .70), São Paulo 30% (62/209) e Rio de Janeiro 30% (119/399). Os dados das autoras mostram uma associação entre a região geográfica da comunidade e o fenômeno. A distribuição dos percentuais é esquematizado no Gráfico 1.

Gráfico 1: Não preenchimento de D com base em Callou e Silva (1997)



Fonte: Callou e Silva (1997, p. 21)

Embora a metodologia das autoras tenha sido diferente daquela desenvolvida no Brasil em estudos sociolinguísticos, visto um maior enfoque em aspectos estilísticos e formais, e só com falantes com superior completo, a ideia de selecionar capitais de diferentes regiões do Brasil permitiu que se estabelecesse comparações entre áreas dialetais, contribuindo para o mapeamento sociolinguístico do Brasil com a distribuição geográfica de variantes, mesmo que a quantidade de dados seja diferente entre cada capital.

Silva (1982), analisando português falado no Rio de Janeiro, encontrou 57% para o não preenchimento de D. Para tanto, a autora selecionou: i) a fala de quatro informantes – um homem e três mulheres – sendo três deles alunos de curso superior e um do então segundo grau; ii) cinco jovens (15-22 anos) – três homens e duas mulheres



– semialfabetizados, que faziam parte do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

Na análise dos dados, a autora considerou como variáveis os condicionantes que estavam ao nível da língua, como *especificidade*, *parentesco*, *número*, *posição sintática* e *ambiente fonológico anterior ao artigo*. Suas reflexões a levaram a considerar que “as variáveis atuantes estavam mais relacionadas com os artigos do que com os possessivos” (SILVA, 1998a, p. 127).

Em um novo estudo, com dados orais do *Corpus Censo* (coletados no início dos anos 80), também no Rio de Janeiro, Silva (1998a), considerou novas variáveis linguísticas, como *status informacional* e a variável semântica *não-parente*, subdividida entre *parente*, *relações humanas*, *possuídos não-inerentes*, *possuídos inerentes* e *partes do corpo*. A autora procurou refinar as variáveis, no caso a variável *parentes*, para observar se o comportamento linguístico era o mesmo ou se havia alguma alteração.

Silva (1998b), também com base no *Corpus Censo*, insere variáveis sociais no fenômeno. A autora seleciona como variáveis estratificadas *escolarização* (primário, ginásio e 2º grau), *idade* (de 7-14 anos; 15-25 anos; 26-49 anos; e 50-71 anos) e *sexo* (masculino e feminino), além da variável não estratificada *atuação da mídia e do mercado ocupacional*. Nesses dois estudos, a taxa do não preenchimento do determinante corresponde a 47%.

Descrevendo o Português falado em Espírito Santo, Campos Jr. (2011) procurou observar a tendência dos falantes capixabas para o fenômeno. O autor utilizou uma amostra composta por 20 falantes da cidade de Vitória do banco de dados do Projeto PORTVIX (Português falado na cidade de Vitória/ES) (2002). Os resultados apontam para 67% de o não preenchimento. Como preditoras da variação, Campos Jr. (2011) buscou controlar *ausência/presença e tipo de preposição*, *tipo do possessivo e outras formas*, *natureza do possuído*, *nível de escolaridade* e *gênero do falante*.

Na região Nordeste, temos os estudos de Pereira (2017) e Sedrins *et al.* (2019). Em Pereira (2017), o autor analisa o fenômeno em 48 entrevistas informais coletadas em duas cidades de Pernambuco: 24 em Serra Talhada e outras 24 em Carnaíba

(PEREIRA, 2017). Os resultados mostram que falantes de Serra Talhada não preenchem mais D que os de Carnaíba, com 72% e 77% respectivamente. Como preditoras da variação, Pereira (2017) usa as variáveis *função sintática* e o cruzamento entre *função sintática* e *tipo de preposição*.

No estudo de Sadrins *et al.* (2019), os autores analisam apenas os dados de Carnaíba, com as mesmas 24 entrevistas do município usadas no estudo de Pereira (2017). Nesse estudo, também foi controlada a função sintática desempenhada pelo possessivo pré-nominal além das variáveis *tipo de preposição*, *SN isolado*, *status informacional* e *valor semântico do SN* (SEDRINS *et al.*, 2019).

Considerando essa diferenciação geográfica, Guedes (2019) estuda a fala de paraibanos que migraram para São Paulo em contraste com a fala de paulistanos e paraibanos não migrantes (GUEDES, 2019). Em seus resultados, a autora observou que os paraibanos migrantes (Amostra PBSP) apresentam comportamento linguístico mais semelhante aos paulistanos (Amostra SP) quanto ao não preenchimento da posição D (49% e 46% respectivamente) do que aos paraibanos não migrantes (Amostra PB) (58%).

Quanto aos resultados das variáveis nos dados da Amostra PBSP, a autora observou incidência da função sintática e do tipo de sintagma sobre o não preenchimento. Guedes (2019) ainda aponta que há polarização Nordeste vs. Sudeste em relação ao uso de artigos, já que seus dados seguem o mesmo comportamento dos de Callou e Silva (1997), sugerindo que a variável é indicadora da região geográfica de origem do indivíduo.

Siqueira (no prelo), analisando a fala de estudantes da Universidade Federal de Sergipe (UFS) com base em 32 entrevistas da amostra Deslocamentos (2019), observou que nesses dados prevalece o não preenchimento, com 53%. Analisando a região de origem, o autor constatou que são os falantes do Deslocamento 4 (não naturais de Sergipe que se mudaram para estudar na UFS) que fazem o menor não preenchimento, com 51,4%, enquanto os falantes do Deslocamento 3 (oriundos do interior de Sergipe que se mudaram para próximo à UFS) fazem o maior, com 55,4%.

Por tempo no curso, ao final do curso (do 7º período para cima) há menor não preenchimento, com 48,1%, sugerindo que há uma certa influência do contato entre os falantes na comunidade, visto que os números para o início (do 3º período para baixo) são de 57,6%. Em relação ao fenômeno apenas no Português sergipano, removendo os falantes do Deslocamento 4, a porcentagem para o não preenchimento é de 53,2%, prevalecendo esse comportamento no falar sergipano nos dados em questão.

Ao fim, o autor notou que há uma certa estabilidade nas variáveis quanto ao predomínio do não preenchimento comparado a outras pesquisas (SILVA, 1998a; CAMPOS JR., 2011), sendo elas as variáveis linguísticas, como *tipo de sintagma*, *traço semântico* e *status informacional*.

A metodologia das pesquisas é apresentada no Quadro 1:

Quadro 1: Organização da amostra das pesquisas

Autores	Amostras
Callou e Silva (1997)	Mais de 1500 horas de gravação realizadas na década de 70, com falantes de ambos sexos, nascidos nas capitais alvo, com ensino superior completo, distribuídos em três faixas etárias (25 a 35 anos; 36 a 55 e acima de 56), gravados em aulas e conferências, diálogos informais e entrevistas.
Silva (1982)	Entrevistas com três alunos de curso superior e um do então segundo grau e cinco jovens semialfabetizados que faziam parte do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)
Silva (1998a; 1998b)	Entrevistas coletas entre os anos 1980 e 1983, em diversos bairros do Rio de Janeiro, estratificado em sexo (masculino e feminino), faixa etária (15-25 anos, 26-49, e acima de 50 anos) e escolaridade (1º e 2º ciclos do ensino fundamental e ensino médio), sendo representativo da variedade popular, visto que não conta com informantes do nível superior.
Campos Jr. (2011)	Vinte entrevistas realizadas em 2002 com falantes nascidos e residentes em Vitória, ES, estratificados em gênero (masculino e feminino), faixa etária (7-14 anos, 15-25, 26-49, e acima de 50 anos), escolaridade (fundamental, médio e universitário).
Pereira. (2017)	24 entrevistas informais em Serra Talhada (PE) e 24 entrevistas informais em Carnaíba (PE), com duração mínima de 10min cada, estratificadas em sexo (masculino e feminino), faixa etária (6-17 anos, 18-35, e acima de 35 anos) e escolaridade (fundamental, médio e superior).



Sedrina <i>et al.</i> (2019)	24 entrevistas informais em Carnaíba (PE), com duração mínima de 10min cada, estratificadas em sexo (masculino e feminino), faixa etária (6-17 anos, 18-35, e acima de 35 anos) e escolaridade (fundamental, médio e superior).
Guedes (2019)	8 informantes paraibanos migrantes (Amostra PBSP) estratificadas em sexo (masculino e feminino), faixa etária (15-34 anos, 35-49, e acima de 50 anos), e escolaridade (até ensino médio e superior).
Siqueira (no prelo)	32 entrevistas com duração de 40-60 min cada, com informantes da amostra Deslocamentos (2019), estratificada em gênero (masculino e feminino), tempo no curso (do 3º período para baixo e do 7º para cima) e deslocamento (naturais e residentes de Aracaju que vão e voltam para a UFS todo dia; naturais e residentes do interior de Sergipe que vão e voltam para a UFS todo dia; naturais do interior de Sergipe que se mudaram para a Grande Aracaju; e naturais de outros estados que se mudaram para a Grande Aracaju).

Fonte: elaborado pelo autor⁴

Nenhuma das pesquisas apresenta amostra similar. Na pesquisa de Silva (1982), por exemplo, só há 9 informantes, polarizados entre 4 universitários e 5 alfabetizandos do projeto MOBREAL. Em sua pesquisa de 1998, a estratificação já é maior, abarcando outros níveis de escolarização (primário, ginásio e 2º grau) e outros níveis de faixa etária (de 7-14 anos; 15-25 anos; 26-49 anos; e 50-71 anos), além da estratificação sexo (feminino e masculino). Callou e Silva (1997) usam dados apenas de falantes com superior completo, além de seus dados serem diversificados em relação a coleta.

Campos Jr. (2011) trabalha com 20 informantes, estratificados segundo gênero (masculino e feminino), escolaridade (fundamental, médio e universitário) e faixa etária (07-14 anos; 15-25; 26-49; e 50 acima), essa última similar a Silva (1998a; 1998b). Pereira (2017) e Sedrina *et al.* (2019), por sua vez, trabalham com 24 em cada município, estratificado segundo sexo (masculino e feminino), escolaridade (fundamental, médio e superior), e faixa etária (06 a 17 anos; 18 a 35; acima de 35 anos), com tempo mínimo de 10 minutos, o que pode resultar em poucas realizações.

Diferenças nas amostras levam a diferenças nos resultados. Não podemos esperar que falantes do Mobral se comportem linguisticamente da mesma forma que

⁴ Para a apresentação desses dados, contamos apenas com o que havia presente nas pesquisas.

falantes do fundamental, médio e ensino superior. Embora apresentemos os resultados, compreendemos que as diferenças podem ser resultado da constituição das amostras, e não apenas dos condicionantes linguísticos.

De forma geral, os resultados dessas pesquisas podem ser observados no Quadro 2 abaixo:

Quadro 2: Variáveis relevantes para o não preenchimento da posição D antes de possessivos pré-nominais no PB contemporâneo

Autores	Corpora	Considerações/resultados
Callou e Silva (1997) Porto Alegre 21% (7/33) Salvador 34% (30/87) São Paulo 30% (62/209) Recife 40% (39/98) Rio de Janeiro 30% (119/399)	Projeto Norma Urbana Culta (NURC)	Variáveis linguísticas: <i>sintagma nominal</i> e <i>preposicionado</i> não há predomínio do não preenchimento; na <i>natureza do possuído</i> , o não preenchimento ocorre com <i>parentes</i> (56%)
Silva (1982) 57% nos dados orais	9 informantes (três alunos de curso superior e um do então segundo grau; cinco jovens semialfabetizados que faziam parte do Movimento Brasileiro de Alfabetização)	Variáveis linguísticas: possessivo <i>seu</i> como inibidor do preenchimento; especificidade e sintagmas preposicionados correlacionados ao preenchimento;
Silva (1998a) 47% (2018/4299)	<i>Corpus</i> Censo (Rio de Janeiro)	Variáveis linguísticas: <i>elemento não novo</i> (1637/2615 = 63%); <i>parentes</i> (1467/2223 = 66%); <i>relações humanas</i> (121/202 = 60%); <i>possuído não-inerente</i> (261/478 = 55%)
Silva (1998b) 47% (2018/4299)	<i>Corpus</i> Censo (Rio de Janeiro)	Variáveis sociais: escolaridades <i>primário</i> (892/1404 = 64%) e <i>ginásio</i> (764/1205 = 63%); faixas etárias <i>7-14 anos</i> (541/771 = 70%) e <i>15-25 anos</i> (610/965 = 64%); sexo <i>masculino</i> (862/1324 = 52%) e <i>feminino</i> (1160/1939 = 60%); atuação da <i>mídia média</i> (742/1216 = 61%) e <i>fraca</i> (217/341 = 64%); atuação do mercado



		ocupacional <i>média</i> (759/1315 = 58%) e <i>fraca</i> (420/732 = 57%)
Campos Jr. (2011) 67% (685/1016)	PORTVIX (2002), 20 informantes nascidos e residentes em Vitória, ES	Variáveis linguísticas: preposição <i>com</i> (43/62 = 69%); <i>3PS</i> (<i>seu/sua</i>) (11/13 = 85%), <i>reduplicado</i> (<i>mamãe/papai</i>) (54/59 = 92%), <i>2PS</i> (<i>seu/sua</i>) (53/87 = 61%); <i>parentesco</i> (489/644 = 76%), <i>não-parente</i> (50/83 = 60%), <i>partes do corpo</i> (14/23 = 61%), <i>abstrações não-únicas</i> (48/88 = 55%), <i>objetos não-inerentes</i> (29/57 = 51%) e <i>abstrações únicas</i> (30/59 = 51%). Variáveis sociais: <i>ensino fundamental</i> (367/507 = 72%), <i>ensino médio</i> (158/256 = 62%), <i>ensino universitário</i> (160/253 = 63%).
Pereira (2017) Serra Talhada 72% (250/351)	24 entrevistas informais	Variáveis linguísticas: funções sintáticas de <i>sujeito</i> (63/76 = 83%), <i>antitópico</i> (33/37 = 89%), <i>tópico</i> (26/41 = 63%), <i>objeto direto</i> (24/35 = 67%), <i>objeto indireto</i> (18/33 = 54,5%), <i>adjunto de nome</i> (67/89 = 76%) e <i>predicativo</i> (22/26 = 85%); preposição <i>com</i> (47/63 = 75%) e <i>por</i> (1/1 = 100%).
Sedrins <i>et al.</i> (2019) Carnaíba 77% (226/293)	24 entrevistas informais em Carnaíba, PE	Variáveis linguísticas: preposição <i>com</i> (47/58 = 81%); funções de <i>objeto</i> <i>indireto</i> (20/39 = 51%), <i>objeto direto</i> (49/63 = 78%), <i>sujeito</i> (47/58 = 81%), <i>adjunto de nome</i> (74/91 = 84%), <i>tópico</i> (8/12 = 67%), <i>complemento de</i> <i>nome</i> (21/22 = 95,5%) e <i>antitópico</i> (7/8 = 87,5).
Guedes (2019) 49% para os migrantes	8 informantes paraibanos migrantes (Amostra PBSP)	Variáveis linguísticas: ausência de preposição (63%); gênero do possessivo masculino (58%); funções de <i>objeto direto</i> (69%), <i>predicativo</i> (67%), <i>sujeito</i> (57%) e <i>tópico</i> (52%).
Siqueira (no prelo) UFS 53%	32 informantes da amostra Deslocamentos (2019)	Variáveis linguísticas: <i>sintagma</i> <i>nominal</i> (71,3%); traços semânticos de <i>humano</i> (65,8%); contexto de <i>dado</i> (55,1%). Variáveis sociais: falantes do Deslocamento 3 (55,4%), Deslocamento 1 (52,6%), Deslocamento 2 (51,7%) Deslocamento 4 (51,4%); alunos do



início do curso (57,6%).

Fonte: elaborado pelo autor

Há um padrão em relação às variáveis para a descrição do fenômeno, com variáveis linguísticas presentes em todas. Nos sintagmas em que não há preposições, os *sintagmas nominais*, há maior predomínio do não preenchimento do que em sintagmas com preposições, em que o preenchimento é alto (CALLOU; SILVA, 1997; GUEDES, 2019; SIQUEIRA, no prelo). As preposições que não podem se contrair com o determinante são as mais alçadas nesse processo. Em casos em que o artigo pode se combinar com a preposição, há menores números do não preenchimento (GUEDES, 2019; SIQUEIRA, no prelo).

A função sintática parece desempenhar certo efeito sobre a variação. A maioria das funções apresentaram predomínio do não preenchimento, principalmente as de *sujeito, predicativo e objeto direto*. O predomínio do não preenchimento ocorreu menos quando a função sintática necessita de preposição, como em *adjunto adverbial, objeto indireto, genitivo e complemento nominal* (GUEDES, 2019; PEREIRA, 2017).

Os resultados quanto ao sintagma e à função sintática indicam que há um condicionamento gramatical para a variação, na medida em que diferentes tipos de sintagmas e diferentes tipos de funções sintáticas apresentam variações no predomínio do não preenchimento.

Todavia, há também condicionamento semântico e pragmático. Exemplo disso é a variável *status informacional*, em que os falantes preenchem menos D para inserir informações *dadas* (SILVA, 1998a; SIQUEIRA, no prelo). A variável semântica *tipo de posse* (também nomeada *parentesco* e *traço semântico*), apresenta evidência da ação da semântica. Em Campos Jr. (2011), a maioria dos fatores nessa variável apresentam domínio do não preenchimento: *parentes* teve maior porcentagem, resultados similares ao de Silva (1998a), em que também a variável *parentes* apresenta maior porcentagem, seguido por *relações humanas* e *possuído não-inerente*. Em Siqueira (no prelo), o traço



de *pessoa* é o único que apresenta predomínio do não preenchimento. O possessivo usado também apresenta efeitos sobre o predomínio do não preenchimento, principalmente os possessivos *seu/sua* referentes a 2PS e a 3PS (SILVA, 1982; CAMPOS JR., 2011).

Nas variáveis sociais, no fator *escolaridade*, enquanto em Silva (1998b) são os falantes do *primário* e *ginásio* que mais não preenchem D, em Campos Jr. (2011) são os falantes do *ensino fundamental* e *ensino universitário*. Como ponto em comum entre esses dois trabalhos, são os falantes do *ensino médio* ou *ginásio* que menos preenchem D.

Em *sexo*, tanto em Silva (1996b) quanto em Campos Jr. (2011) os *homens* apresentam predomínio do não preenchimento. As *mulheres*, ainda assim, também apresentam comportamento para o não preenchimento (SILVA, 1998b). Os dados quanto *faixa etária* só foram apresentados na pesquisa de Silva (1998b), em que todas as faixas etárias apresentam predomínio do não preenchimento.

Há, de certa forma, uma estabilidade em relação às variáveis controladas, ou seja, nos estudos que usam da mesma variável, os resultados são próximos. O condicionamento linguístico é de natureza tanto sintática quanto semântica e pragmática. O condicionamento social também apresentou relevância, principalmente em relação à escolaridade e ao sexo/gênero. Se há essa similaridade, por que estudos diferentes apresentam variação nos resultados? A variação no preenchimento da posição determinante antes de possessivos pré-nominais pode ser sensível ao fator dialetal, geográfico.

4 Padrões dialetais na variação

Comunidades geográficas diferentes possuem padrões linguísticos diferentes: países que falam a mesma língua, como Brasil e Portugal, possuem formas diferentes de dizer algo com o mesmo valor de verdade; estados diferentes do Brasil, como São Paulo e Paraíba, também possuem, como vemos em Guedes (2019); regiões diferentes dentro

do mesmo estado apresentam comportamento linguístico diferente, como em Pereira (2017). Para essa diferenciação, adota-se o termo de variedade, o padrão de realização da língua de uma determinada comunidade. Outro termo também pode ser utilizado para a diferenciação do padrão linguístico das comunidades, focando em aspectos geográficos: dialeto. Para Chambers e Trudgill (2004, p. 05, tradução nossa⁵), “‘dialeto’ [...] se refere às variedades que são gramaticalmente (e talvez lexicalmente) como também fonologicamente diferentes de outras variedades”. Em outras palavras, um dialeto X é uma variedade da língua que é usada em lugar X (BRITAIN, 2008).

O estudo desenvolvido por Callou e Silva (1997) serve como base para observamos que há uma diferenciação dialetal entre as diferentes regiões. Consideremos, contudo, que a amostra utilizada pelas autoras apresenta uma diferenciação nos números totais e de aplicação entre os dados das capitais (visto que algumas capitais tem mais de 100 realizações, enquanto outras menos que 30), quanto em relação às outras pesquisas, que apresentam números acima de 100.

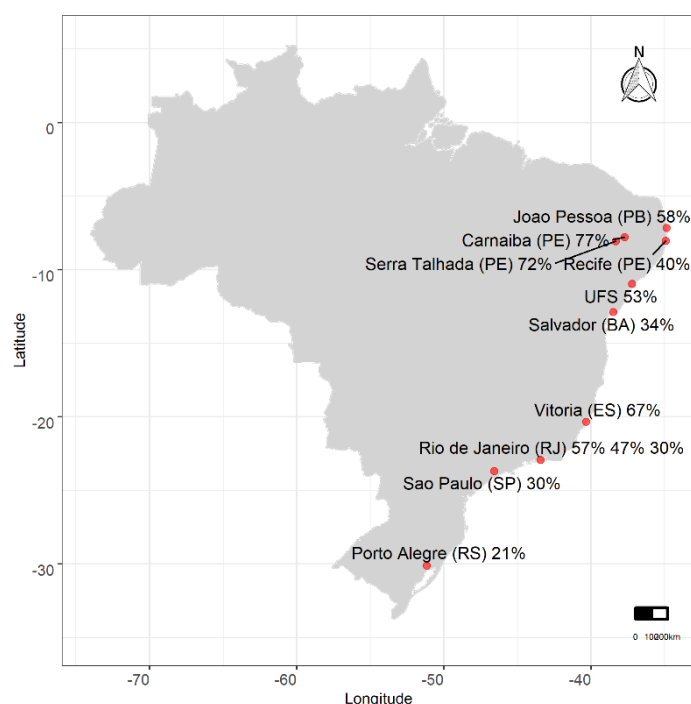
A pesquisa de Guedes (2019), por sua vez, ajuda-nos a entender que migrantes tendem a adotar o comportamento linguístico de sua nova comunidade, sugerindo que a região de origem do falante migrante, a Paraíba, apresenta comportamento para o não preenchimento, diferente do seu local alvo de migração, São Paulo, em que há predomínio do preenchimento.

Siqueira (no prelo), ao analisar a fala de estudantes por meio de variáveis como *deslocamento* e *tempo no curso*, observou que a região de origem do falante e a sua integração em termos de tempo na universidade apresentam incidência sobre a variação, visto que falantes do interior do estado não preenchem mais, na medida em que falantes externos ao estado não preenchem menos. Além disso, ao *início* do curso os níveis do não preenchimento são maiores em comparação ao *final*, indicando “que esses alunos aumentam o uso do artigo na medida em que avançam na universidade (SIQUEIRA, no prelo, p. 20)”.

⁵ “‘Dialect’, on the other hand, refers to varieties which are grammatically (and perhaps lexically) as well as phonologically different from other varieties (CHAMBERS; TRUDGILL, 2004, p. 05)”.

A distribuição do fenômeno pelo Brasil, a partir dos estudos incluídos na revisão sistemática, permite observar se há similaridades/diferenças entre as regiões quanto aos resultados (Mapa 1). Devemos considerar, todavia, que nenhuma das pesquisas abordadas apresenta metodologia igual, apresentando diferenças em suas amostras, como apresentado no Quadro 1.

Mapa 1: Distribuição do não preenchimento da posição D no português brasileiro



Fonte: elaborado pelo autor

No Mapa 1, os dados referentes a João Pessoa são os de Guedes (2019); Carnaíba e Serra Talhada são de Pereira (2017) e Sedrins *et al.* (2019); Recife, Salvador e Porto Alegre são de Callou e Silva (1997); os da UFS são de Siqueira (no prelo); os dados de Vitória são os de Campos Jr. (2011); em São Paulo, Callou e Silva (1997); no Rio, os percentuais são, respectivamente, de Silva (1982), Silva (1998a; 1998b) e Callou e Silva (1997).



Nos dados do Nordeste, há percentual de 58% para João Pessoa (PB), 77% para Caruaru (PE), 72% para a cidade de Serra Talhada (PE), 40% para Recife (PE), 53% para a Universidade Federal de Sergipe (SE) e 34% para Salvador. No Sudeste, observamos um percentual de 67% para a cidade de Vitória (ES), três percentuais para o Rio de Janeiro (RJ), 57%, 47% e 30%, e dois percentuais para São Paulo (SP), 30% e 46%. No Sul só há dados para a cidade de Porto Alegre (RS), com 21%.

Embora as pesquisas apresentem metodologias diferentes, com amostras diferentes, considerando os percentuais gerais de distribuição, com falantes do Sul e Sudeste os números do não preenchimento são menores, enquanto os do Nordeste são maiores. Por outro lado, na cidade de Vitória, localizada no Sudeste, o comportamento é mais similar ao do Nordeste, diferenciando-se dos outros resultados para a região, como também os resultados de Callou e Silva (1997) apresentam percentuais diferentes de todas as outras pesquisas, visto a diversificação na amostra, já que conta apenas com falantes com nível superior, em elocuições formais. Excluindo esses dados, as demais pesquisas com o português falado no Nordeste apresentam categoricamente predomínio do não preenchimento.

Esses resultados corroboram a hipótese de que há efeito dialetal na variação do preenchimento da posição determinante antes de possessivos pré-nominais em Português, como apresenta Lucchesi (1993).

Considerações finais

O português brasileiro apresenta um padrão variável em relação à distribuição do não preenchimento da posição determinante. Neste trabalho, buscamos desenvolver uma revisão de estudos linguísticos que recaem sobre esse fenômeno linguístico, de modo a observarmos diferenças dialetais gramaticais em relação à sua distribuição.

Guiados por Callou e Silva (1997) e Lucchesi (1993), que afirmam que falantes do Norte de Nordeste não preenchem mais do que falantes do Sul e Sudeste,



apresentamos as pesquisas, os percentuais de realização e os principais resultados em relação ao predomínio do não preenchimento. As variáveis tendem a apresentar similaridades entre as pesquisas quanto aos seus resultados, como no tipo de sintagma, em que em sintagmas nominais predomina o não preenchimento, sugerindo que há uma regularidade no condicionamento dessa variação.

Os percentuais gerais de distribuição, todavia, variam de lugar para lugar. Ainda assim, observamos polarização entre áreas do Nordeste e áreas do Sudeste: enquanto os falantes do Nordeste não preenchem mais, os falantes do Sudeste o fazem menos, ratificando o que foi proposto por Callou e Silva (1997) e Lucchesi (1993).

Consideramos, contudo, as metodologias adotadas nas pesquisas. Conforme salientamos, nenhuma delas apresenta metodologia igual, o que acaba por incidir nos resultados das pesquisas. Mesmo com isso, ressaltamos o fato de que a variação no preenchimento da posição determinante antes de possessivos pré-nominais possui caráter dialetal, com falantes de diferentes regiões apresentando diferentes padrões de uso.

Referências

- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BRITAIN, D. Space, diffusion and mobility. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). **The handbook of language variation and change**. Blackwell publishing, p. 604-637, 2008.
- CALLOU, D.; SILVA, G. M. O. O uso do artigo definido em contextos específicos. In: HORA, D. (Org.). **Diversidade Lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997.
- CAMPOS JR., H. S. **A variação morfossintática do artigo definido na capital capixaba**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciência Humanas e Sociais, 2011.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.



- FREITAG, R. M. K. Sociolinguística no/do Brasil. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, v. 58, n. 3, p. 445-460, 2016.
- FREITAG, R. M. K.; ROST-SNICHELOTTO, C. A. Análises contrastivas: estabilidade, variedade ou metodologia?. **Working Papers em Linguística**, v. 16, n. 1, p. 157-169, 2015.
- GUEDES, S. Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal. **Domínios de Lingu@gem**, v. 13, n. 4, p. 1401-1432, 2019.
- LONGOBARDI, G. The structure of DPs: some principles, parameters, and problems. In: BALVIN, M; COLLINS, C. (eds.) **The Handbook of Contemporary Syntactic Theory**. Blackwell, p. 562–603, 2001.
- LUCCHESI, D. The article systems of Cape Verde and São Tomé creole Portuguese: general principles and specific factors. **Journal of Pidgin and Creole Languages**, v. 8, n. 1, p. 81-108, 1993.
- MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Livraria Almeida, 1983.
- MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.
- NAZÁRIO, M. L. **Uso variável do artigo definido diante de pronome possessivo na variedade linguística da comunidade de fala dos Almeidas**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Goiás, 2007.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. Ática, 2005.
- SEDRINS, A. P. *et al.* A função sintática e o licenciamento de artigos definidos diante de antropônimos e de possessivos pré-nominais. **Domínios de Lingu@gem**, v. 13, n. 3, p. 1266-1295, 2019.
- PEREIRA, D. K. F. **A realização de artigo definido no português falado na região do sertão do Pajeú-PE**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2017.
- SILVA, G. M. O. **Estudo da Regularidade na Variação dos Possessivos no Português do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.
- SILVA, G. M. O. Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 120-145, 1998a.
- SILVA, G. M. O. Emprego do artigo diante de possessivo e de patronímico: resultados sociais. In: SILVA, G. M. O; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 265-281, 1998b.

SIQUEIRA, M. Efeitos do contato entre normas na variação linguística: a presença de artigo definido antecedendo possessivos no falar universitário da UFS. **Porto das Letras**, v. 6, 2020, no prelo.

Recebido Para Publicação em 19 de março de 2020.
Aprovado Para Publicação em 30 de maio de 2020.